



Comunicação COVID19

Ponto de situação 28 de junho

Casos Confirmados

41.646 CASOS DE COVID-19

MAIS 457 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 1,10%

Óbitos

1.564 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 3 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,19%)

NORTE-816

CENTRO-248

LISBOA E VALE DO TEJO-465

ALENTEJO-5

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

27.066 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.511 AGUARDAM RESULTADOS

13.016 CASOS ATIVOS

(Confirmados Menos Recuperados e Óbitos)

458 INTERNADOS (1,09%) / 75 UCI (0,18%)

Dom. 28 junho

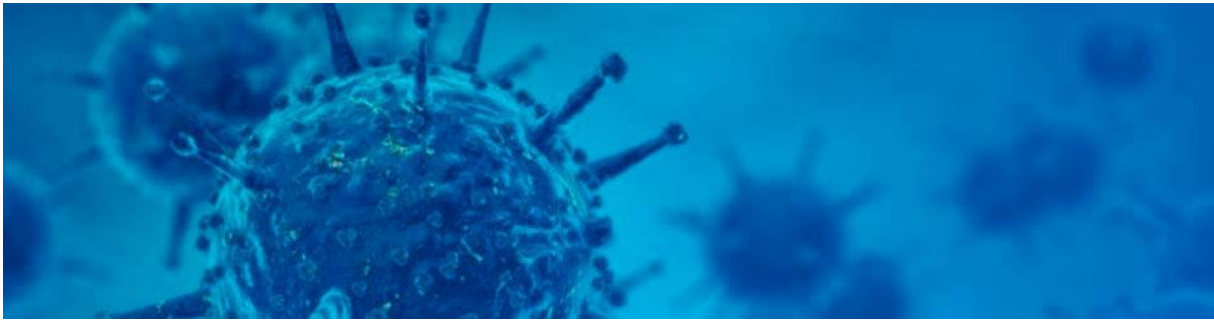
Casos confirmados atingem os 10 milhões em todo o mundo.

Costa reclama acordo europeu em julho e admite ministra espanhola no Eurogrupo- La Vanguardia.

App de “contact tracing” portuguesa já tem integração com os médicos.

Valor dos reembolsos de IRS pagos até maio é 60% inferior ao do período homólogo.

Há apenas oito mulheres têm cargos na comissão executiva no universo das empresas cotadas em Portugal, o PSI20- *Leading Together*.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição papel) Hospitais sob pressão denunciam falta de coordenação em Lisboa. Diretores de loures e Amadora-Sintra dizem que ARS nunca se reuniu com todos. Saúde pública reforçada com 120 médicos. Reino unido exclui Portugal. App chega com dois meses de atraso. Acordo com assaltante "tinha de se cumprir" e Azeredo "sabia". Europa reabre fronteiras, mas deixa de fora Brasil e EUA. Deriva iliberal da Polónia vai a exame nas presidenciais. Wirecard. Como a estrela da bolsa alemã implodiu em nove dias. P2 Daniel Sampaio: "Hoje, os divórcios sobem, sobem e ninguém fala sobre isso". O submundo da Lisboa dos anos 20 nos Relatórios Kinsie. Direito de resposta. "Juizes em risco de punição disciplinar por queixas cruzadas": resposta de Clara Sottomayor. **(Online) Metade dos casos diagnosticados no mundo já recuperaram.** Ventura proclama-se candidato na descida da Avenida. Deputado do Chega afirma ser herdeiro de Francisco Sá Carneiro na liderança da direita. Álvaro Beza: "Ser humilde é o mais difícil quando se tem o poder". Álvaro Beza quer que a Sedes seja "um exército de inteligência e sabedoria ao serviço do país" e vai disponibilizá-la para colaborar com o Governo na procura de soluções que façam "da crise uma oportunidade".



(Edição Online) Covid-19. "O próximo inverno será a grande prova de fogo". O cientista Miguel Castanho, do IMM, está a testar moléculas para avaliar a sua possível ação antiviral contra a SARS-CoV-2. Sobre a pandemia, lamenta a oportunidade perdida que foi a primeira SARS. "Estaríamos hoje muito melhor se a investigação sobre aquele coronavírus tivesse continuado", diz. "Estive quatro dias em casa: um a carpir, três a limpar e ao quinto fomos trabalhar"

Transmontana de Macedo de Cavaleiros, Justa Nobre trouxe outros sabores para Lisboa, onde, com a família, criou o restaurante O Nobre. A pandemia fê-los fechar as portas de repente, para as abrir na mesma semana com takeaway. Mas os clientes tardam em aparecer e a chef só espera grandes melhorias do negócio em setembro. Após delírios de Regina, Bolsonaro entrega cultura a ex-galã de Malhação. Festas ilegais no verão. PSP promete mais meios e "resposta adequada" a agressões. Figuração da TV. Com palmas em pausa o rendimento extra tarda em regressar. Entre bater palmas e fazer figuração especial, os elementos que compõem as plateias de programas de televisão e participações em novelas podiam fazer até 300 euros por mês. Um rendimento interrompido devido à pandemia e que tarda em regressar. Criação de anticorpos em laboratório pode estar à distância de meses. Universidade de Princeton remove nome de Woodrow Wilson da escola devido a políticas racistas.



(Edição papel) Divórcio consumado. Vieira perdido no namoro a Jesus. "Anda-te embora e depois falamos", disse o Presidente do Benfica. Treinador recusou "Foi tudo tratado de forma amadora". Águias prometem "técnico do top 5 mundial". Capitães mantêm Lage. Gabigol ficou em lágrimas. Pandemia. Rugas a festas e cafés ferem três polícias. Confidencial. CM relata diálogos da reunião que irritou Costa. "Sem dados, não sei que medidas tomar". Crime no Algarve. Assédio a advogada põe homicida na solitária. Imobiliário. Casas das famílias valem duas vezes o PIB. Fotos inéditas. Pai de Maddie McCann em buscas nas rochas. **Revista DOMINGO.** As outras vítimas do coronavírus. Os pobres da Covid. Em Lisboa e no Porto crescem as filas da fome.



(Edição em papel) TAP absorve maioria dos auxílios do Estado a empresas desde 2016. Até abril tinham sido atribuídos 2,9 mil milhões e petrolífera na Zona Franca da Madeira foi quem mais recebeu. Supremo só autoriza injeção se o Executivo provar que o adiamento prejudica o interesse público. Há cada vez mais famílias numerosas. Quase 8300 casais chegaram a 2019 à terceira criança e dez arriscaram ir ao nono filho. Transportes.

Houve 165 multas num mês por falta de máscara. Ausência de meios de combate ao foco de Lisboa deixa Governo debaixo de fogo. Cotadas. Gestores têm salário 30 vezes superior ao dos seus trabalhadores. Educação. Fundos pagam computadores para 300 mil estudantes. Segurança. Crimes informáticos registam o maior aumento. Porto. Fonoteca de vinil abre em setembro. Futebol. Clubes concordam com lotação de um terço nos estádios. **URBANO** Lojas de recordações à beira da falência. **NOTÍCIAS MAGAZINE**. O verão sem a música dos cantores ligeiros.



(Online) Rio diz que controlo da pandemia na região de Lisboa e Vale do Tejo "correu mal". Brasil. Governo anuncia que vai produzir vacina

desenvolvida pela Universidade de Oxford contra a covid-19. Centenas participaram em manifestação do Chega e Ventura agradeceu: "Obrigado por não me terem deixado caminhar sozinho". Bastonário dos Médicos acusa Governo de ter deixado de ouvir os profissionais de saúde. Cerimónia de reabertura de fronteiras no mesmo dia em que aperta cerco em Lisboa. Centenas participaram em manifestação do Chega e Ventura agradeceu: "Obrigado por não me terem deixado caminhar sozinho".



(Online) Edmundo Martinho: "Nos jogos devemos ter perdido em vendas qualquer coisa como 600 milhões de euros". A pandemia teve um impacto "brutal" nas contas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, diz

o provedor Edmundo Martinho, que prevê que a instituição feche o ano com prejuízos de 30 milhões a 40 milhões de euros. Edmundo Martinho defende "abertura organizada" de bares e discotecas" Alemães acreditam que país poderá sair reforçado da presidência do Conselho da UE Moody's diz que alívio da dívida de Angola à China não é um 'default'. Ryanair diz que ideia de "pontes aéreas" do Reino Unido é mais uma "idiotice" do governo.



(Online) Pandemia faz disparar procura por piscinas. Famílias gastam até 20 mil euros. A pensar num verão que será diferente devido à pandemia, as famílias desencadearam uma corrida às

piscinas. Empresas do setor não têm mãos a medir e o stock nas lojas esgota constantemente. Fundo de Resolução já perdeu metade dos membros. Mas

contribuições da banca subiram 40%. Benfica termina o ano com dívida inferior a 100 milhões. Governo tem de assumir que “resto do país não conta” para justificar ajuda à TAP. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa pode terminar 2020 com prejuízos acima de 30 milhões. Cotadas do PSI-20 com apenas oito mulheres na Comissão Executiva. Merkel avisa que pandemia não acabou e pede responsabilidade coletiva. Valor dos reembolsos de IRS pagos até maio é 60% inferior ao do período homólogo.



(Online) Pandemia penaliza receita de taxas e multas: rendem menos 203,7 milhões de euros até maio. UE reabre fronteiras a 1 de

julho a cidadãos de apenas 15 países. EUA e Brasil excluídos. António Costa defende “visão global” na rede ibérica de alta velocidade. Troço da autoestrada do Baixo Alentejo abriu finalmente ao tráfego. Este novo troço, com cerca de 13 quilómetros de extensão em perfil de autoestrada, assegura a ligação entre a A2, na zona da praça de portagem do nó de Grândola Sul, com a EN259, beneficiando diretamente as acessibilidades aos concelhos do interior desta região, designadamente o de Ferreira do Alentejo e de Beja. “Hospital da Cruz Vermelha precisa entre 12 a 16 milhões de euros”, admite provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. “Impacto da pandemia foi brutal”. Jogos da Santa Casa com perdas de 600 milhões de euros. Reatores da central nuclear de Almaraz pararam três vezes no espaço de uma semana. PSD reagenda revisão constitucional para início do próximo ano.



(Online) Gestores da bolsa ganham 30 vezes mais que

trabalhadores. Cotadas do PSI20 com apenas oito mulheres na comissão executiva. Reembolsos pagos até maio 60% abaixo do ano passado. Collision prepara Web Summit 2020. Pode um evento online ‘imitar’ o offline? Benfica com inédito endividamento inferior a 100 milhões no 2º trimestre.



(Online) Amália Rodrigues entre o regime e a resistência. Das graças do Estado Novo ao apelo da liberdade: o Observador faz a pré-publicação da biografia política "Amália: Ditadura e

Revolução", a propósito dos cem anos da maior voz da canção portuguesa.

Profissionais de saúde lamentam falta de plano. "A conduta de Azeredo Lopes é extremamente grave". No despacho de pronúncia a que o Observador teve acesso, o juiz Carlos Alexandre diz que o ex-ministro da Defesa violou deveres éticos por uma "melhor imagem interna do Governo" em ano de incêndios. Rlo. Controlo da pandemia em Lisboa "correu mal". Novos casos sobem cá mais que na UE há 5 semanas. Rolling Stones ameaçam processar Trump. Os Rolling Stones ameaçaram o Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, com uma ação na justiça se continuar a usar as suas músicas em ações de campanha. Empresas da bolsa só têm 8 mulheres executivas. Apenas oito mulheres têm cargos na comissão executiva no universo das empresas cotadas em Portugal, o PSI20, de acordo com o índice Leading Together, o que corresponde a 10,5%. Britânicos podem chegar de carro por Espanha. Manifestação tinha como pano de fundo o racismo, mas, afinal, tratou-se de uma marcha política do Chega, onde se pediu "respeito pelas forças de segurança" e "deveres às minorias". Identificadas duas pessoas contra manif do Chega. CDS critica "política de gosto" contra touradas.



(Online) Centeno, o homem para todos os bancos? O ministro que quase caiu duas vezes por causa do sector bancário quer regulá-lo. A história do “Ronaldo do Ecofin”, que saiu das Finanças com uma ‘bola de ouro’. Líder do PSD considera que "correu mal" controlo da pandemia

em Lisboa e Vale do Tejo. Milhares de candidatos portugueses nas municipais francesas. Covid-19 Algarve desespera por turistas. “Ó André, não levantes a mão assim que eles vão já fotografar”. A marcha de Ventura para chamar os “portugueses comuns”. Autarcas satisfeitos com coordenadores regionais, mas divididos sobre continuidade. Covid-19: Von der Leyen anunciou mais 6,15 mil milhões para combate em países desfavorecidos.



(Online) António Costa (sobre)exposto na pandemia? Rio considera que controlo da pandemia em Lisboa e Vale do Tejo "correu mal". Governo brasileiro anuncia que vai produzir vacina desenvolvida pela

Universidade de Oxford contra a covid-19.



(Online) Ajuntamento de mais de 100 pessoas; 9.484 óbitos em África.

A China reforçou as suas tropas junto à fronteira com a Índia com alpinistas e lutadores de artes marciais mistas, pouco tempo após um confronto mortal em meados de junho, segundo os meios de comunicação estatais. Papel de coordenadores reconhecido, mas partidos rejeitam continuidade. O desempenho dos secretários de Estado nomeados para coordenar regionalmente a resposta à Covid-19 é reconhecido por vários responsáveis autárquicos dos partidos que gerem câmaras municipais no continente, mas, à exceção do PS, rejeitam a eventual instituição da função.

SÁBADO

(Online) “Amor, trabalho ou preguiça: porque faltam os deputados? Dois terços dos deputados já falharam a presença. Metade invocou trabalho político e missões parlamentares. Rio é o líder mais ausente (seis faltas), seguido de Jerónimo (cinco) e André Silva (quatro). Catarina Martins foi sempre.

Máscaras acessíveis fabricadas em Cascais com máquinas chinesas. Suíça coloca 300 pessoas em quarentena após surto de Covid-19 em clube noturno. Covid-19 em Lisboa. Profissionais de saúde pedem mais coordenação. PSP identifica homem por saudações nazis durante manifestação do Chega.

VISÃO

(Online) Covid-19: 92-6-2, a proporção que está a congestionar os centros de saúde e a deixar outros doentes por tratar.

Deus, Pátria e Sá Carneiro descem a Avenida com o Chega. Chega, os negros da Amadora e a bandeirinha do PSD. Fenprof vê ‘rankings’ das escolas como “mentira” para alimentar ensino privado. EUA: Gretchen, a mulher de quem Trump tem medo. Estrela ascendente do Partido Democrata pela forma como tem gerido a pandemia, Gretchen Whitmer, a governadora do Michigan, é uma forte candidata à vice-presidência dos EUA



(Online) Estados Unidos já ultrapassaram os 2,5 milhões de casos de Covid-19.

Supermercados proibidos de vender álcool depois das 20 horas. L'Oréal retira termos "branqueador" e "clarear" das embalagens. O grupo Unilever diz-se comprometido com a missão de "celebrar todos os tons de

pele". Trump não pode "ter sempre o que quer". Stones ameaçam processar Presidente por usar canções. São Pedro confinado. As proibições e alertas para Sintra, Montijo e Póvoa de Varzim. Providência cautelar contra injeção na TAP "não defende" o Norte, diz CIM Alto Minho.



Renascença

(Online) Nuno Botelho: “O futuro da TAP está em risco há muitos anos, não sou eu que a estou a colocar em risco”.

Covid-19: Cascais aposta na produção de máscaras e já vende a outros municípios. Coronavírus. Algarve espera ficar “fora da zona vermelha” dos britânicos. “Correu mal” controlo da pandemia na região de Lisboa e Vale do Tejo, diz Rio. Concessionários queixam-se de Governo não pagar nadadores-salvadores. Coronavírus. Ministério da Agricultura e DGS divulgam orientações. Restauração e comércio "não estão a faturar nem a 30%". Von der Leyen anuncia mais 6,15 mil milhões para combate global à pandemia. Covid-19. Suíça coloca 300 pessoas em quarentena após surto em clube noturno.



(Online) Prolongado até setembro apoio da Segurança Social às respostas sociais.

Covid-19 obriga a novas regras de embalamento e armazenamento agrícola. Comissão Europeia junta quase 16 mil milhões em doações para criar soluções para Covid-19. Covid. Governo não está a ser eficaz na região de Lisboa e Vale do Tejo, refere Rui Rio. Rolling Stones ameaçam processar Trump se usar as suas músicas em comícios. A campanha de Trump usou a canção "You can't always get what you want" no seu último comício em Tulsa, Oklahoma, e já o tinha feito pela primeira vez em 2016, também num comício.



A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ **MUNDO.** Mais de 10 milhões de casos identificados em todo o mundo, 498.779 vítimas mortais.
- ❑ **Mais de cinco milhões de recuperados em quase dez milhões de casos**
- ❑ **ESPANHA** registou três mortes por covid-19 nas últimas 24 horas, o que eleva o número semanal para 13 e o total para 28.341. Madrid: sábado foi o primeiro dia sem óbitos por Covid-19 desde o início da pandemia, anunciam autoridades.
- ❑ **ITÁLIA** soma oito mortes nas últimas 24 horas, o menor número desde março.
- ❑ **ALEMANHA** regista 256 novos casos de infeção pelo novo coronavírus, é o registo diário mais baixo das últimas duas semanas.
- ❑ **REINO UNIDO** registou este domingo mais 36 mortes por covid-19.
- ❑ Mais de 2,5 milhões de casos nos **ESTADOS UNIDOS**. É também o país com mais mortes por covid-19, com 125.539 mortes.
- ❑ **BRASIL** com mais 1.109 mortos e 38.693 infetados em 24 horas. País totaliza 57.070 óbitos e 1.313.667 casos confirmados.
- ❑ **CHINA** regista 17 novos casos nas últimas 24 horas, 14 em Pequim. China confina 1,5 milhões de pessoas em cantão próximo da capital.
- ❑ **RÚSSIA** com mais 104 mortes e 6791 novos casos, elevando o total para 9073 vítimas mortais.
- ❑ **ÁFRICA** com 9.484 mortes e mais de 371 mil infetados.
- ❑ **MÉXICO** regista mais 602 mortes e eleva total de óbitos para 26 mil.
- ❑ **ÍNDIA** ultrapassa as 16 mil mortes.

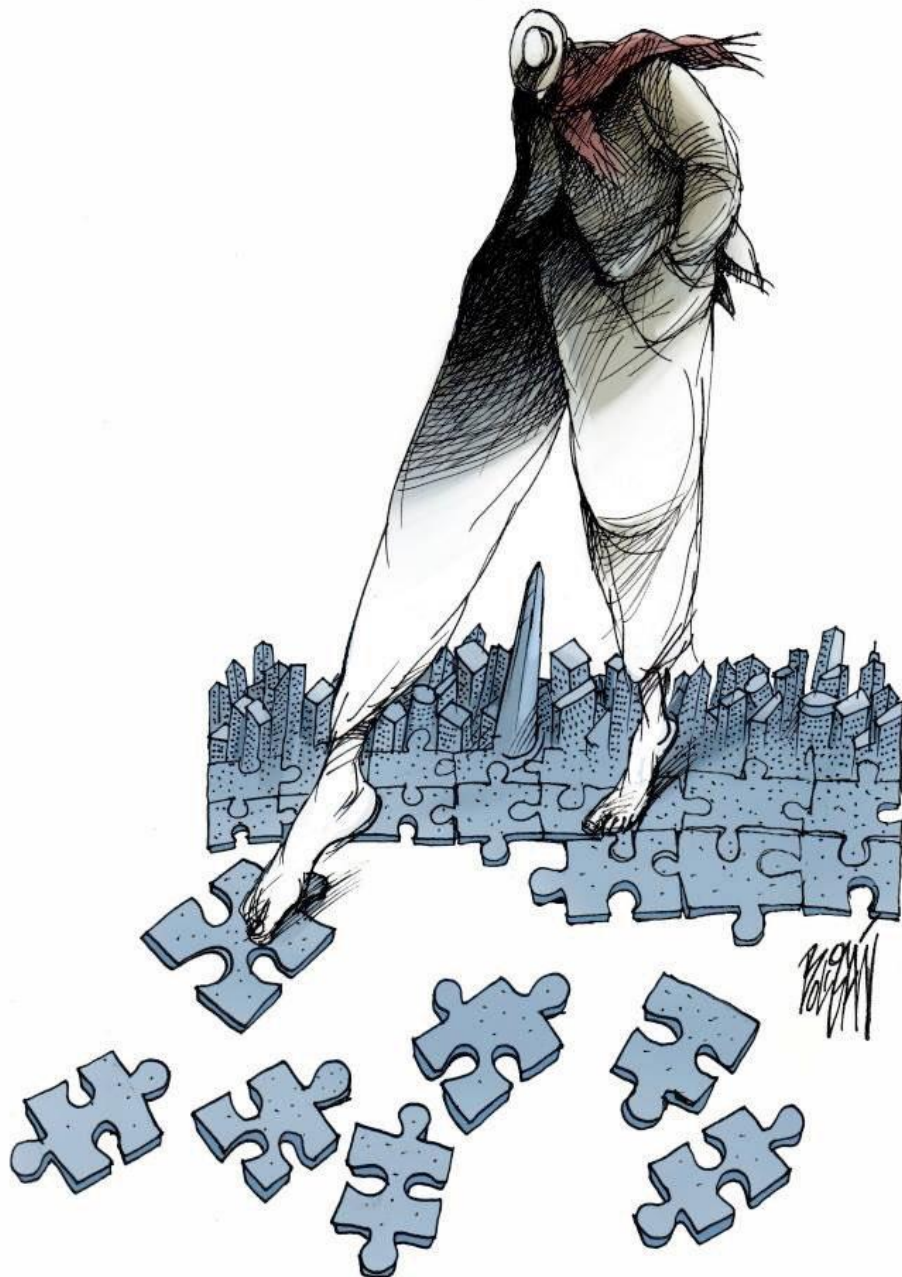


FRASES DO DIA

- **"Devemos tomar consciência de que vai ser muito duro, porque não vamos voltar aos índices de fevereiro de 2020 nem em um mês, nem em um ano. Vamos necessitar seguramente de dois anos no mínimo para recuperar o nível em que estávamos quando a covid-19 apareceu"** , António Costa, Primeiro Ministro.
- **"Nós deixamos passar o Orçamento Suplementar na generalidade e provavelmente na votação final global por uma questão de interesse nacional"**, Rui Rio, Presidente do PSD.
- **"Olhando aos resultados da ação governativa em Lisboa e Vale do Tejo nas últimas duas, três semanas, naturalmente, são dados objetivos que correu mal"**, Rui Rio, Presidente do PSD.
- **"Confinados, desconfinados, exasperados. Não faltam motivos para criticar cientistas e políticos – uns por não chegarem a conclusões, outros por chegarem a conclusões erradas ou atrasadas –, mas é preciso fundamentá-los e não cair na exasperação gratuita de atirar o barro à parede."**, Vicente Jorge Silva, Jornalista.
- **"Para justificar o financiamento à TAP, o Governo tem que assumir que Lisboa vale 96% e que o resto do país não conta, é mesmo paisagem. Acho que o Governo não vai querer concordar com este pressuposto"**, Nuno Botelho, presidente da Associação Comercial do Porto (ACP).
- **"O futuro da TAP está em risco há muitos anos, não sou eu que a estou a colocar em risco"**, Nuno Botelho, presidente da Associação Comercial do Porto (ACP).
- **"Obrigado por não me terem deixado caminhar sozinho"**, André Ventura, Deputado do Chega.
- **"O impacto da pandemia foi brutal. Não apenas tivemos uma redução substancial das receitas, como tivemos simultaneamente um aumento brutal nas despesas porque aumentou muito o nosso nível de atividade."**

Nós nos jogos devemos ter nesta altura perdido", em vendas, "qualquer coisa como uns 600 milhões de euros", Edmundo Martinho, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

- **"Algumas corrupções nos governos acontecem realmente porque o amor pela família é maior que o amor pela pátria e eles metem seus parentes nos cargos",** Papa Francisco.





ARTIGOS SELECIONADOS

CORONAVÍRUS JÁ INFECTOU 10 MILHÕES DE PESSOAS NO MUNDO

O mundo ultrapassou este domingo os 10 milhões de casos confirmados de covid-19, de acordo com a contagem da Universidade Johns Hopkins. Desde que o primeiro surto, em Wuhan, na província de Hubei, foi reportado pela China, a 31 de dezembro, 10.001.527 pessoas foram infetadas pelo SARS-CoV-2 e morreram perto de 500 mil. Os Estados Unidos são o país mais afetado do mundo, com o maior número de casos detetados (mais de 2.510.323) e mortes (125.539), totalizando cerca de 25% dos números globais de ambas as contagens.

São estes os restantes países com maior número de casos:

Brasil, com 1.313.667 casos confirmados e 57.070 mortes;

Rússia, com 633.542 casos de infeção e 9.060 vítimas mortais;

Índia, com 528.859 infeções e 16.095 óbitos;

Reino Unido, com 311.727 casos detetados e 43.598 mortes.

A pandemia tem continuado a acelerar e o número de infeções duplicou em pouco mais de um mês: a contagem chegou aos cinco milhões de casos a 20 de maio. Há, no entanto, um número positivo: mais de cinco milhões de pessoas já recuperaram.

PROFISSIONAIS DE SAÚDE PEDEM MAIS COORDENAÇÃO NA RESPOSTA À COVID EM LISBOA

Hospitais Amadora-Sintra e Loures sentem há várias semanas a pressão provocada pelo crescimento de casos de covid. Ministério vai reforçar saúde pública de Lisboa e Vale do Tejo com 120 profissionais.

Lisboa, Odivelas, Loures, Amadora e Sintra. É este o epicentro das preocupações de políticos e autoridades de saúde e há dois hospitais – Amadora-Sintra e Loures – que

sentem há várias semanas a pressão provocada pelo crescimento de casos de covid e que já tiveram de transferir doentes para outras unidades. Vem deles e da Ordem dos Médicos o pedido para que haja mais coordenação centralizada e que se oiçam os profissionais que estão no terreno. Ministério vai reforçar saúde pública de Lisboa e Vale do Tejo com 120 profissionais.

“É urgente antecipar e não correr atrás do prejuízo, o que implica ter a humildade de ouvir os profissionais de saúde agora, como foi feito no início”, defendeu o bastonário dos médicos Miguel Guimarães, em comunicado, no qual a Ordem considera que “os números preocupantes de novos casos de infeção” das últimas semanas, “sobretudo na Grande Lisboa, mas não só, resultam da incapacidade de antecipação, que a autoridade nacional de saúde tem revelado nesta fase de desconfinamento”.

“Há muito tempo que a Ordem dos Médicos não é chamada para uma reunião”, diz Alexandre Valentim Lourenço, presidente da secção Sul da Ordem dos Médicos ao PÚBLICO. Também não houve nenhuma reunião promovida pela Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo (ARSLVT) com todos os hospitais da região, disse a diretora do serviço de infeciologia do Hospital Fernando da Fonseca, Patrícia Pacheco, no programa da SIC “Expresso da Meia-noite”, considerando que está na altura de ouvir os hospitais e quem está no terreno.

Por dar resposta a dois dos concelhos mais afetados, e sem a retaguarda que outras unidades têm que lhes permita uma reorganização diferente, o Hospital Amadora-Sintra está em pressão há semanas. Este sábado tinha 72 doentes em enfermaria e dez na unidade de cuidados intensivos (UCI). “Não pode existir uma resposta centrada em hospitais que não eram de primeira linha, que não têm recursos humanos nem espaço para assumir mais do que estão a fazer. Fazia sentido sentar na mesma mesa os diferentes intervenientes para elaborar uma tentativa de resposta mais centralizada, mais fácil. Estamos todos juntos no barco e a resposta tem de ser global, integrada e participativa”, diz Patrícia Pacheco ao PÚBLICO.

“Além de se pensar o momento atual, é preciso pensar como vamos prestar os cuidados de saúde e de como vamos viver o coronavírus nos próximos dois anos”, aponta, lembrando que é preciso proteger os mais suscetíveis à infeção e responder aos doentes não covid. E que para o fazer de forma adequada é preciso espaço que hospitais

mais envelhecidos têm mais dificuldade em organizar. Lamenta a falta de antecipação no envolvimento das autarquias e as poucas orientações emanadas para os hospitais. “Acho que falta, em relação aos hospitais, um comando estratégico que possa responder aos ‘incêndios’, mas que tenha um plano estabelecido para o futuro. Precisamos de um comando estruturado para agilizar e programar”, afirma Patrícia Pacheco.

Artur Vaz, administrador do Hospital de Loures, aponta a mesma necessidade. “Mais do que uma reunião conjunta com os hospitais, gostava que a ARS pensasse num plano de resposta para a região e desse indicações para o trabalho em rede”, diz o responsável, referindo que desde meados de Maio o hospital que gere “é o que tem a carga maior de doentes covid em relação à lotação total” da região de Lisboa e Vale do Tejo “porque não funciona em rede”. Este sábado tinham 59 doentes covid internados, dos quais sete em UCI.

“A ARS não emite orientações. Vai respondendo a solicitações e pedidos dos hospitais. Não há uma rede a funcionar”, reforça Artur Vaz, acrescentando que teve uma reunião com a ARS por videoconferência durante este período. “Os hospitais mandam todos os dias o reporte dos doentes internados e em UCI. Estes dados podiam ser trabalhados de forma estatística para apoiar a decisão e não o fazem.” Um pedido que fez na semana passada à ARS, mas que não teve resposta.

Fernando Maltez, diretor do serviço de infeciologia do Hospital Curry Cabral, também nunca foi convocado para uma reunião promovida pela ARS. “Uma reunião que tenha por objetivo melhorar o que se está a fazer só pode trazer mais benefícios do que prejuízos. Não senti tanto a falta, porque a minha realidade é diferente das dos hospitais Amadora-Sintra e Loures, que estão mais sobrecarregados. O meu hospital é dedicado e não fomos confrontados com uma situação de ficar sem vagas. Admito que, se estivesse perante a realidade daqueles hospitais, pudesse sentir a mesma necessidade”, afirma, referindo que têm recebido doentes de outros hospitais da área.

“Não há um planeamento dos vários hospitais e nesta fase isso impõe-se. A região de Lisboa tem muitos hospitais e temos a necessidade de articular a ação entre as unidades. Falta uma coordenação centralizada diferente da que existiu até agora”, refere Alexandre Valentim Lourenço. “As ARS tradicionalmente são muito focadas nos cuidados de saúde primários e precisamos de ter uma articulação muito intensa entre

os cuidados de saúde primários, saúde pública e hospitais. É necessária uma reestruturação dos cuidados de saúde e a pandemia tornou isso evidente. É urgente ativar uma liderança para responder à pandemia”, afirma, lembrando que os “profissionais estão exaustos”.

A ARSLVT diz que “tem acompanhado de forma sistemática e permanente (numa base diária) a situação de todos os hospitais da região, nomeadamente quanto à evolução dos internamentos”, desde o início da pandemia. E que “ocorreram reuniões/teleconferências periódicas com os conselhos de administração” das várias unidades, “como é habitual em situações em que é necessário agilizar a já conhecida articulação entre hospitais”. Quanto aos dois hospitais mais pressionados, salientou que “a situação é bastante dinâmica, pelo que as respostas vão sendo adaptada à realidade epidemiológica”.

REFORÇO SAÚDE PÚBLICA

Do lado da saúde pública também não faltam pedidos para reforço dos recursos humanos, que na região da Grande Lisboa aconteceu agora, com 20 profissionais para as equipas de saúde pública de Odivelas, Loures, Amadora e Sintra. A ARSLVT diz que enfermeiros e médicos de família têm apoiado as equipas de saúde pública “no acompanhamento de contactos diretos e casos confirmados” e que “neste momento está identificado um número significativo de médicos internos (do internato geral e de várias especialidades) para colaborar com as unidades de saúde pública, nomeadamente na realização de inquéritos epidemiológicos”.

O Ministério da Saúde acrescenta que “esta semana prevê-se a entrada de mais dez profissionais em funções”. “Adicionalmente, está em curso um reforço de cerca de 80 médicos internos, provenientes do Insa [Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge] e de vários hospitais, em especial para trabalho em part-time, e estão ainda em formação cerca de 40 internos de saúde pública” para reforçar a resposta, em especial nos concelhos mais afetados. Estão a terminar o internato de saúde pública na região de Lisboa e Vale do Tejo cinco médicos. “Em regra, Lisboa e Vale do Tejo consegue cativar pelo menos todos os especialistas que forma”, diz a ARSLVT.

Fonte: **Público**

JORGE TORGAL: O AUMENTO DO NÚMERO DE CASOS EM LISBOA "NÃO É RELEVANTE"

O Médico e professor catedrático em Saúde Pública na Universidade Nova, Jorge Torgal, em entrevista à Rádio Observador, reflete sobre o aumento do número de casos, a nível nacional – que ao longo das semanas se tem mantido abaixo do 1% – e reconhece que isso é um fator “tranquilizador”, porque significa que a “epidemia não está numa fase crescente”. O mesmo se passa em relação ao número de vítimas mortais. “Há mais vítimas por acidentes de moto do que mortes por Covid-19”, acrescentando, por isso, que esta é uma “situação epidémica de uma doença bastante benigna se comparada com outras”. “Esta epidemia veio para ficar, e vai certamente ficar connosco muitos anos. Não há história de doenças respiratórias ou infecciosas que desapareçam naturalmente. Vamos ter de viver este inverno com o Covid-19, a gripe e as constipações. Isto é a normalidade”.

Olhando para os dados da região de Lisboa e Vale do Tejo, Jorge Torgal, porta-voz do Conselho de Saúde Pública, fala numa situação “vulgar e banal”, recordando que o Porto teve “muitos mais casos há meses atrás”, tendo “superado” o problema. Explica, ainda, que os casos de Covid-19 têm crescido nos bairros periféricos da cidade de Lisboa, onde “há piores condições de vida”, dando força ao argumento de que “a primeira causa de doença do mundo é a pobreza”.

Nesse sentido, frisa que o aumento do número de casos em Lisboa “não é relevante” – tendo em conta os casos (entre os 300 e 400) para mais de um milhão de habitantes, reconhecendo, por isso, que se trata de “empolamento artificial” da situação. Explica, também, que houve uma mudança de estratégia na deteção de novos casos. Além do aumento de testes, Jorge Torgal assume que foi o “rastreamento dos assintomáticos” que fez aumentar os números. “Somos o país que mais testes faz, depois da Dinamarca”.

À Rádio Observador, diz concordar com as medidas tomadas em relação às 19 freguesias que estão em prolongamento da calamidade.

“A partir do momento em que há uma identificação geográfica onde estão a maioria dos casos, deixa de haver uma diluição em toda a Lisboa”. Embora, diz, sejam “difíceis de pôr em prática”. “Há uma sobrepopulação dentro das casas e populações com

dificuldade para sair em trabalhar”, referindo-se à falta de transportes públicos – uma “falha” quando o desconfinamento arrancou.

“São as pessoas que têm as tarefas mais difíceis da sociedade que mais risco correm”, explica, como os auxiliares dos hospitais, lares e limpeza, com as “mais baixas qualificações”, e que por isso, mais dificuldade têm em cumprir um conjunto de práticas tendo em conta a função que desempenham. “A epidemia não distingue, teoricamente, a classe social dos cidadãos. Mas a forma de transmissão evidencia as diferenças sociais”, conclui. E acredita, ainda, que toda esta situação “vai ser ultrapassado dentro de semanas”, antecipa.

Questionado sobre se o governo tem consultado o Conselho Nacional de Saúde Pública antes de tomar medidas para combater a pandemia, Jorge Torgal assumiu que isso “não tem acontecido” porque a estratégia governamental passa por consultar um “grupo de especialistas” para responder às questões. “A ministra da Saúde entendeu ouvir o Conselho, que representa um amplo conjunto de setores na sociedade, face a um conjunto de medidas que deviam ser tomadas no momento em que se aproximava uma epidemia. Agora, com a epidemia instalada, ouve os especialistas desta área”. E rejeita as críticas do Bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, que acusou o governo de não ouvir os profissionais de saúde na tomada de decisões. “O meu colega está a falar numa perspetiva muito corporativa”.

Para Jorge Torgal, é preciso voltar à normalidade, como seja o regresso às aulas. E prepara os portugueses para terem de conviver vários anos com as “medidas de contenção da transmissão”, sejam elas individuais ou coletivas. Nesta fase, em nada ajudam os “empolamentos mediáticos sem justificação técnica nem científica”.

Fonte: **Observador**





OPINIÃO

CORRUPÇÃO E DEMOCRACIA – ANTÓNIO BARRETO

Em ditadura ou em democracia, com economia de mercado ou sob dirigismo estatal, os procedimentos informais, a meio caminho entre o nepotismo e a corrupção, sempre informaram a sociedade e a política portuguesas.

Notícias recentes, quase em sequência, marcaram a retoma gradual de atividade na área da Justiça. Depois de uma espécie de hibernação misteriosa, os processos relativos ao BES, a Sócrates, à EDP, às Parcerias Público Privadas e a outros temas delicados deram sinais de vida. Ainda nos encontramos em fase de intensidade processual, de recursos, de diligências de recusa e de manobras de diversão, mas houve movimento, o que de imediato se saúda.

Direta ou indiretamente, estão em causa aspetos essenciais da vida portuguesa: a corrupção, o nepotismo, o tráfico de influências e o favoritismo. São problemas fáceis de avaliar: todos são contra. Quando aprofundamos um pouco, damos-nos conta de que quase todos são contra os pecados dos outros! Os dos próprios, simplesmente, não são pecados. A corrupção do adversário é péssima, a do aliado tem explicação. O nepotismo dos rivais é condenável, o dos amigos tem justificação. O tráfico de influências dos concorrentes é detestável, o dos correligionários é confiança política.

O pior de tudo é a banalização da corrupção. A normalidade do nepotismo. A democratização do tráfico de influências. Por outras palavras, o que se faz não é corrupção, não é nepotismo, nem é tráfico de influências. Terá outros nomes: eficácia, confiança política, prontidão, proximidade, justa recompensa e até direito legítimo. Mas, muitas vezes, não são. Trata-se de eufemismos destinados a encobrir realidades bem mais sórdidas.

Ora, é esta normalidade que está na origem e na perenidade da corrupção habitual e da justiça impotente. É, por exemplo, uma tradição consolidada: o uso do poder político

para fazer e desfazer empresas ou fortunas, obter concessões e autorizações, proporcionar empréstimos e alimentar grupos económicos!

A democracia encontrou uma fórmula consagrada, “é o poder político que manda no poder económico”. “O primado do poder político” faz com que se admita um poder político discricionário relativamente ao poder económico. Ou ao poder social ou cultural, se é que tais entidades existem. O “primado do poder político” poderia entender-se como o “primado do soberano”, ou da decisão do povo, mas não como o primado funcionários, deputados ou membros do Governo. Na verdade, o primado do soberano não é a mesma coisa do que o primado do burocrata executivo.

Em ditadura ou em democracia, com economia de mercado ou sob dirigismo estatal, os procedimentos informais, a meio caminho entre o nepotismo e a corrupção, sempre informaram a sociedade e a política portuguesas. Nunca ou raramente a justiça foi intolerante, quase sempre a religião foi condescendente e jamais a política condenou tais comportamentos. As famílias e as profissões também não. Os adversários deste sistema, que os há, são tantas vezes impotentes! E os progressos, por vezes reais, tão lentos!

Absolutistas e liberais; monárquicos e republicanos; católicos e maçónicos; democratas e socialistas; fascistas e comunistas; todos aceitaram regras ocultas de base. Primeira: é o poder político que define, alimenta e protege o poder económico. Segunda: o trânsito entre o poder político e o poder económico é fácil. Terceira: um partido político vencedor de eleições tem o direito de recorrer à “confiança política”, a fim de proceder a nomeações, conceder autorizações e tomar iniciativas de investimentos. Quarta: os processos de corrupção e nepotismo têm desculpa, se for para o “bem comum”, como sejam a criação de emprego, a promoção de minorias e a proteção do sistema político. O poder político tem usado todos os dispositivos imagináveis: roubo, esbulho, expropriação sem indemnização ou com esta calculada pelas autoridades... Alvarás, autorizações, licenças para criação de empresa, ocupação de posição no mercado, proteção da concorrência, “condicionamento” industrial, financiamentos bonificados e fixação de margens: todos estes mecanismos elaborados para conter o mercado, regular a concorrência, evitar as falências ou os desastres económicos, tiveram como resultado favorecer grupos do poder económico e interesses de titulares de poder político. O

“cambão” empresarial e a “confiança política” são as duas grandes chagas da sociedade, da economia e da política.

Os últimos anos, talvez duas ou três décadas, têm assistido a algumas iniciativas (leis, instituições, regras europeias...) no sentido de “moralizar” os ímpetus, mas nunca erradicaram as tradições que criaram o Estado fazedor de poder económico, nem o poder político de “confiança”. A categoria espanhola dita dos “amigos políticos” é exatamente isso, a “confiança política”. Só que em Portugal a “confiança política” figura explicitamente nas regras e na tradição.

Mais do que o interesse imediato ou a ambição, mais do que o bairrismo dos vizinhos ou a parceria dos cúmplices, há um espírito e um clima que inspiram comportamentos perante os quais soçobra a lei. Os ricos pensam que tudo lhes é permitido, por serem ricos. As “pessoas bem” acham que devem ter o que querem, porque é assim. Os militantes dos partidos, sobretudo os que ganham eleições, entendem que a democracia é isso mesmo, uma distribuição de despojos. Os sindicalistas creem que a democracia foi feita para os trabalhadores, o que se deve traduzir em vantagens. Os católicos aceitam que o povo de Deus deve receber os devidos benefícios, porque é natural que assim seja. Os maçons não têm Deus nem Mestre, mas devem ter privilégios, porque deles é a virtude cívica. A esquerda entende que a política deve comandar a economia. A direita não acha errado que a política se possa submeter à economia.

É este espírito que faz com que seja natural que os seus ajudem os seus. Que as tribos e as comunidades tenham a sua força. Jovens, mulheres, negros, velhos, doentes, trabalhadores, minorias e cultos acreditam piamente que todas as medidas e todos os gestos que desfaçam desigualdades e que promovam antigos oprimidos e explorados têm absoluto fundamento.

O problema é ter a certeza de que, quando não houver tribos nem comunidades, quando não houver pessoas do mesmo grupo ou com a mesma crença, quando só houver gente da mesma condição, quando tivermos a igualdade total, nessa altura, estaremos a viver em plena ditadura totalitária. E teremos uma sociedade sem corrupção. E sem liberdade.

António Barreto, Sociólogo

Fonte: **Público**

EDITORIAL

ABRAM AS PORTAS DA REUNIÃO NO INFARMED

Uma reunião alargada sobre a nossa saúde não pode obedecer aos rituais da maçonaria ou de um grupo de conspiradores. Se tudo o que lá se diz e discute é de inegável interesse público, os portugueses têm direito a sabê-lo.

Organizar à porta fechada uma reunião entre políticos e cientistas para discutir um problema de saúde pública só se explica de duas formas: ou os políticos e os especialistas querem esconder algo ao país ou consideram que o que ali se diz não está ao alcance da inteligência média dos cidadãos. Seja por uma ou por outra razão, esse espírito de segredo digno de uma seita é lamentável, absurdo e errado. O que se passou esta semana no final de mais um desses solenes conclaves no Infarmed é a prova de que não faz sentido manter as portas fechadas. As avaliações contraditórias sobre o que lá foi dito, os rumores desencontrados sobre irritações, zangas ou puxões de orelhas e a suspeita de que o espírito de compromisso entre políticos e cientistas acabou exigem uma de duas respostas: ou as reuniões do Infarmed deixam de se fazer por se tornarem um perturbante fator de ruído; ou abrem-se as suas portas para que todos os cidadãos possam saber com transparência o que lá se disse e passou.

Uma reunião alargada sobre a nossa saúde não pode obedecer aos rituais da maçonaria ou de um grupo de conspiradores. Se tudo o que lá se diz e discute é de inegável interesse público, os portugueses têm direito a sabê-lo. Se nada do que lá se fala é segredo de Estado, se todos os participantes são homens livres para divulgar os seus estudos sobre a covid-19 ou a manifestar as suas opiniões sobre como a combater, não se entende que tenham de o fazer numa sala fechada. Se é consensual que uma sociedade informada tem mais meios para se defender das infeções, não se percebe o secretismo. Terão medo que o povaréu não entenda o R1, as curvas, ou a dimensão dos surtos?

O absurdo tornou-se desde o primeiro momento óbvio porque, no final dos encontros, os jornalistas faziam o seu trabalho, contactavam os presentes e, sob a capa do anonimato, levaram aos cidadãos as informações que supostamente deviam ficar em segredo. Agora que os especialistas têm mais dúvidas do que respostas para explicar os

surtos em Lisboa, com as tréguas partidárias acabadas, agora que ficou claro que a DGS falhou, que os transportes não deram a resposta necessária ou que o coordenador do Governo para a região, Duarte Cordeiro, não coordenou coisa nenhuma, as portas fechadas não só não servirão a verdade, a transparência e o direito de acesso à informação: vão também fomentar um clima venenoso de intriga. Abram, por isso, as portas. Ou fechem-nas de vez.

Fonte: Público

GRANDE LISBOA. IMPORTANTE, URGENTE OU PRIORITÁRIA?

Não se entende porque na to do list do governo não se tornaram absolutamente prioritárias e de aplicação imediata as medidas anunciadas esta quinta-feira Todos nós aprendemos a distinguir o que é importante, o que urgente (ou não) é o que é prioritário.

Quando fazemos uma to do list temos (ou devemos ter) estas classificações atribuídas às várias tarefas que temos pela frente, no nosso dia-a-dia e no planeamento para o médio e o longo prazo. Este método deve fazer parte da boa gestão das nossas vidas pessoais e profissionais. Num momento de forte crise pandémica, atribuir o carácter de urgência a determinadas medidas pode fazer a diferença entre as vidas e as mortes. Há temas urgentes e prioritários nas áreas da saúde, dos transportes públicos e das medidas firmes e preventivas necessárias para lidar com um estado de contingência, calamidade e de alerta. No caso da grande Lisboa, ainda uma calamidade, não se entende porque na to do list do governo não se tornaram absolutamente prioritárias e de aplicação imediata as medidas anunciadas esta quinta-feira. Foram conhecidas dia 25 de junho, mas só entrarão em vigor dia 1 de julho. Face à informação que temos tido nas últimas semanas, as novas regras poderão pecar por serem tardias. E se o nível de contágio continua a subir, – ainda que se negue algum descontrolo da situação na grande Lisboa –, então o que faria sentido seria anunciar as medidas num dia e aplicá-las nesse dia à meia-noite ou no dia seguinte. Se é urgente e prioritária, é para fazer e não para adiar. Esperar uma semana é demasiado perigoso e, na prática, permite que o nível de contágio continue alto, tal como está, ou possa até piorar. O vírus não

adormecerá por uma semana porque dá jeito à política, à gestão operacional dos recursos de saúde pública e de segurança nacional, às questões jurídicas ou até à economia. É preciso ter a coragem de estancar o problema. Quanto mais tarde foram aplicadas medidas firmes mais próximos poderemos estar de uma eventual cerca sanitária à grande capital. E o impacto económico que isso teria... ninguém quer pensar, quanto mais arriscar previsões. Do mesmo modo, é difícil compreender porque razão os transportes públicos acumulam pessoas, a respirar em cima umas das outras, quando ainda há uma boa fatia da população da grande Lisboa que permanece em teletrabalho. Se os transportes são públicos, é urgente e prioritária uma medida igualmente pública que aumente a capacidade de transporte, que acrescente carruagens ao metro e aos comboios (uma necessidade que começou por se sentir primeiro na linha da Azambuja e, agora, na linha de Sintra) e que aumente o número de autocarros nas rotas mais procuradas. De pouco adianta informar acerca da criação de uma empresa de gestão dos transportes da área metropolitana de Lisboa (até porque essa ideia já data dos anos 90), se nada se resolver no imediato em termos de capacidade de deslocação, cumprindo as regras que preservem o que temos de mais precioso: a saúde. É em crises sanitárias, como esta, que o poder público tem de servir para salvar os seus. Os seus cidadãos, os seus eleitores e, não menos importante, os seus contribuintes. Não há distanciamento social possível nos transportes públicos. Basta ver, por exemplo, as reportagens televisivas dentro dos comboios e as fotos do metro de Lisboa, cheio de utentes, que alguns jornais e sites têm vindo a publicar durante esta semana. Se a ideia é criar um laboratório de imunidade no comboio ou no metro avisem-nos já, para decidirmos se queremos ou não ser 'ratinhos de laboratório'. No entanto, convém lembrar que muitos portugueses não têm meios próprios de transporte e não têm mesmo alternativa, o que acentua as desigualdades sociais. Um governo de esquerda, apoiado por uma maioria de esquerda, não pode ficar indiferente a esta situação.

Rosália Amorim, Jornalista

Fonte: **Dinheiro Vivo**

